

Oficiais só coincidem nas críticas

O diagnóstico é o mesmo: a situação econômica é crítica, os escândalos se multiplicam, o presidente não tem comando, o país é cada vez mais dependente das determinações do FMI. As soluções propostas variam, entretanto, de acordo com o matiz ideológico da direita.

O capitão da reserva e deputado Jair Bolsonaro (PPB-RJ) carrega nas tintas ao analisar o momento político do país. Inflamado, ele afirma: "Este presidente não tem moral, só atende a falsos interesses e está nos levando a todos para a miséria absoluta. Estamos chegando a um ponto em que não vamos conseguir fugir da guerra civil. Precisamos de um regime de autoridade e quem não tem moral não governa", dispara. Bolsonaro pode ser punido com perda temporária do mandato, por 30 dias, por ter defendido o fechamento do Congresso e dito que lamentava que a ditadura militar não tivesse matado mais gente, incluindo o presidente Fernando Henrique.

Para Bolsonaro, a única instituição que poderia assumir o poder e "acabar com a baderne" são as Forças Armadas. "O regime militar estava no caminho certo e veio esse pessoal, que era a nata da oposição nos anos 70 e pôs tudo a perder. O que que eles fazem? Concentram a renda e repassam tudo para o capitalismo ianque. O povo tem que ir para as ruas exigir a saída dessa corja", acredita ele.

Integrante do Movimento Nativista, o coronel da reserva Francimá de Luna Máximo defende a renúncia do presidente Fernando Henrique e a convocação de eleições. "O que importa é sustar o processo de desnacionalização imposto por este governo", afirma.

Para o coronel, que coordena o Núcleo de Estudos Estratégicos Matias de Albuquerque e edita o jornal mensal *O Farol*, o que está em jogo é o destino histórico do Brasil. "Achamos que é preciso um movimento amplo de mobilização nacional que freie o assalto a que o país está sendo submetido", diz.

O coronel Máximo discorda dos que defendem o impeachment do presidente. "Isso seria impensado. Dificilmente vai aparecer um escândalo maior que o do grampo, e nem assim isso foi possível. O governo tem maioria no Congresso, um processo de impeachment não passa de jeito nenhum", analisa. Para ele, a solução estaria na renúncia de Fernando Henrique, o que exigiria, na sua visão, uma ampla mobilização popular. O militar não vê nenhum problema em endossar a tese defendida por setores da esquerda.

"Se o Brizola, o Tarso Genro ou o Milton Temer estão se posicionando contra a dependência do Brasil, não temos por que ter discordância. No passado, já estivemos em campos opostos, mas hoje temos uma perspectiva de união nacional em torno da defesa do Brasil", afirma.

Para o presidente do Clube Militar, o general linha dura Hélio Ibiapina Lima, "a situação do país é, realmente, da maior gravidade. O governo não tem possibilidade de tomar iniciativas no campo econômico. Terá que seguir as determinações do FMI".

O general da reserva, no entanto, não apóia a tese de renúncia do presidente. "Ele foi eleito com 35 milhões de voto e isso precisa ser respeitado. Não se pode estar brincando de se eleger um indivíduo e depois tirá-lo por qualquer motivo. Em vez de fazer abaxo-assinado, o que se devia fazer é pesquisar a fundo a situação econômica do país e exigir uma política de defesa dos nossos interesses", afirma.